

# In Formação

Boletim da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia

**02**

Editorial

**03**

Transferência  
na prática dos  
iniciantes

**06**

Dos constituintes  
da fronteira do 'Eu':  
um olhar à primeira  
infância

**10**

A direção da cura  
nas psicoses:  
o que se dirige?

**13**

Dois olhares sobre  
o estereograma:  
a imagem e a figura

**17**

Entrevista:  
Sonho, Cinema e  
Psicanálise

*Bordas, Fronteiras  
e Litorais da Clínica*



Clínica de Estudos e  
Intervenções em Psicologia  
UFSM

O boletim número 11 aborda algumas “Bordas, Fronteiras e Litorais da Clínica”. O fio condutor que caracteriza essa composição está atrelado à VI Jornada da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP), intitulada “Direção do Tratamento na Clínica”, e pelos seminários teóricos realizados na Clínica ao longo do ano de 2016.

Iniciamos este número com um texto da psicanalista Siloé Rey sobre a “Transferência na Prática dos Iniciantes”. Transferência é um conceito fundamental da teoria e clínica psicanalítica. Desde o início de seus estudos, Freud identificou e deu nome a esse fenômeno, que a rigor só se transmite pela experiência, e que assume sua extensão enigmática e de difícil apreensão para um iniciante no trabalho de escuta do inconsciente.

Na sequência, apresentamos a experiência vivida e as questões levantadas pela estagiária da CEIP Alessandra Zimmerman. Ela trata sobre os Indicadores de Risco Para o Desenvolvimento Infantil (IRDIs), com o texto intitulado “Dos constituintes da fronteira do Eu: um olhar à primeira infância”. O texto seguinte é a fala do psicanalista Nilson Sibemberg na ocasião da conferência proferida na VI Jornada da CEIP, “A Direção da Cura nas Psicoses: O Que Se Dirige?”. Nilson traz o relato de sua experiência, no início dos anos 90, em Porto Alegre, em um residencial público para abrigar diversas pessoas que antes viviam em uma pensão vinculada a Clínica Pinel, destinada a pacientes graves. O psicanalista nos traz um testemunho de como foi acompanhar João nesse contexto. A Pensão Pública Protegida, Nova Vida, foi o primeiro equipamento público na cidade que se colocou na perspectiva da Reforma Psiquiátrica. A grande maioria de seus residentes eram pessoas afastadas do convívio familiar e que sofriam com sua psicose.

Na sequência de leituras temos: “Dois olhares sobre o Estereograma: A Imagem e a Figura”, escrito pelo acadêmico do Curso de Psicologia Leonardo Senna. O texto inicia com as seguintes indagações: Como é enxergar algo em vez de ver? O que é essa imagem? Como é essa imagem? Essas são questões que circulam neste trabalho, provocando o leitor quando anuncia que é preciso ser cego à imagem para poder enxergar a figura, tecendo algumas articulações com o tempo lógico proposto por J. Lacan.

Para finalizar, contamos com uma entrevista realizada com a psicanalista Liliane Froemming. Nela, são abordados temas como a relação entre o cinema, os sonhos e a psicanálise. De acordo com a psicanalista, “Tanto na fala de um paciente em análise, quanto na produção de um filme, algo da ordem de uma cadeia associativa se produz.” Situa-se, assim, a articulação possível entre o cinema e a clínica, a partir da experiência de Liliane Froemming com essas temáticas, o que inclui a sua participação na coordenação do NUPPCINE (Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise e Cinema).

Convidamos o leitor a acompanhar, a partir do que tem sido trabalhado na CEIP, algumas “bordas, fronteiras e litorais” possíveis da clínica. Boa leitura!

(In)Formação : Boletim da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Psicologia, Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia. -- N. 1 (jul. 2011) - . Santa Maria, 2011 - .

Semestral

[www.ufsm.br/ceip/](http://www.ufsm.br/ceip/)

n. 11 (dez. 2016)

1. Psicologia. 2. Psicologia - Boletim. 3. Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP). 4. Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH). 5. Curso de Psicologia. 5. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

CDU 159.9(055)

Ficha catalográfica elaborada por Maria Inez F. F. Machado - CRB 10/1612  
Biblioteca Central da UFSM

## EQUIPE DA CLÍNICA EM 2016:

### COORDENAÇÃO GERAL

Luís Fernando Lofrano de Oliveira

### COORDENAÇÃO TÉCNICA

Aline Bedin Jordão

### ESTAGIÁRIOS

Alessandra Zimmerman

Gefferson Trindade

Gerusa Morgana Bloss

Maiana Busnelo

Maitê Grassel

Matheus Pereira

Rafael Scremin

### TÉCNICO ADMINISTRATIVO

Marlos da Fontoura Rodrigues

### BOLSISTA

Christian Almeida Di Giacomo

### INTEGRANTES DO PROJETO

#### DE EXTENSÃO BOLETIM

#### (IN)FORMAÇÃO

Aline Jordão (coordenadora)

Amanda Schreiner Pereira

Gerusa Morgana Bloss

Leonardo Senna

### REALIZAÇÃO

Integrantes do Projeto Boletim

Coordenação da CEIP

### EQUIPE DE REVISÃO

Luís Fernando Lofrano de Oliveira  
(coordenação geral da Clínica)

Aline Bedin Jordão (coordenação  
técnica da Clínica)

### DIAGRAMAÇÃO

Estevan Garcia Poll

## TRANSFERÊNCIA NA PRÁTICA DOS INICIANTES

Siloé Rey

Psicanalista, Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)

Transferência é conceito fundamental da teoria psicanalítica. Desde o início Freud identificou e deu nome ao fenômeno. Se não tivesse pensado mais nada, só a “sacada” clínica, de haver se detido nesse fenômeno, já nos permitiria identificar aí sua genialidade. As consequências desse desdobramento, que é o processo de transferência, é tudo de que se trata no método de cura – talking cure - da psicanálise, através de um dispositivo mínimo que organiza a ética do encontro de dois sujeitos.

Desejado e de certa maneira temido, o início da prática clínica, no mais das vezes, é fonte de intensa angústia para estudantes de psicologia e os que se iniciam na formação e prática analítica. E esse conceito, que a rigor só se transmite pela experiência, assume sua extensão enigmática e de difícil apreensão para um iniciante no trabalho de escuta do inconsciente. Nas clínicas escola das universidades é ainda mais dramático, já que muitos chegam ao momento da prática clínica sem haverem tido a experiência da análise. No tempo de minha prática de supervisora de uma clínica escola de uma Universidade, tornou-se fonte de chiste a pergunta angustiada de uma aluna: *professora, e se não der transferência?*

Não à toa, Lacan (1992), no Seminário que dedicou à Transferência, vai situá-la como o núcleo mais opaco da nossa experiência. Se até ele pode concebê-la nesses termos, que restará para um iniciante? Envolvido com a construção de referências teóricas que provavelmente ainda não se encontram em tempos de síntese, o que lhe demandará um certo percurso de estudo e análise pessoal, o iniciante se lançará para a experiência

contando com a estrutura institucional do local e a sensação recorrente que sabe nada. Pergunta-se como é isso de sustentar o lugar de sujeito suposto saber que tinha achado tão bacana na teoria? As dúvidas o corroem, desde o que ler na interação com uma criança que não seja a mera descrição de sua ação, até se deve continuar respirando quando o paciente o brinda com um silêncio em que pressente uma angústia tamanha que suspende a palavra. Isso sem falar nas intervenções com pais, já que a experiência com crianças é a clientela que, em geral, as clínicas escola mais ofertam aos seus estagiários. O risco de surgirem situações de angústia frente a essas intervenções é grande, armadilhas imaginárias em que o estagiário poderá ficar fisgado pelo seu registro da diferença de sua experiência daquele que escuta. Ou seja, o mal estar, no mais das vezes, está igualmente distribuído nessa situação. O iniciante terá que construir as condições de conforto em sua posição e no ambiente da clínica para acolher pessoas na desconfortável posição de falar de si e de seu sofrimento.

### Da transferência ao Desejo de analista

Transferência é o conceito que nomeará toda essa condição enigmática, a qual permitirá que o paciente siga voltando para esse encontro e escuta, apesar da angústia e ruído nos ouvidos que, sustentar o lugar de terapeuta, produz naquele que está se iniciando na prática. A posição do analista que ora começará a se construir será uma composição complexa, em que entram em jogo vários elementos, mas que giram em torno do eixo que o conceito de transferência representa na concepção da psicanálise. Em primeiro lugar trata-se da transferência com a própria psicanálise, corporificada nas transferências com o próprio analista, com os professores, com os textos dos psicanalistas e com suas instituições.

Em Lacan, antes do Seminário dedicado à transferência, temos o escrito de 1951, “Intervenção sobre a transferência”, onde já havia caracterizado a transferência como uma relação de sujeito a sujeito que se desdobrará numa experiência dialética sustentada pelo discurso e cujo curso é a verdade. O sujeito assim concebido é irreduzível a qualquer psicologia enquanto objetivação de certas propriedades do indivíduo, que transformam o próprio sujeito em objeto. O acento na dimensão dialética, a diferença entre a posição daquele que se analisa do que conduz o tratamento, demonstrará o que Lacan lê em Freud e de onde extrai a posição ética que propõe como alternativa à posição de seus contemporâneos filiados à cartilha da IPA. As inversões dialéticas que Lacan observará no método utilizado por Freud no caso Dora, lhe ensinará que a escansão das estruturas que a análise opera permite que a verdade se transmute para o sujeito, incidindo sobre sua posição, da qual seus objetos são função. Tudo ao contrário, parece, do que propõe, as abordagens das terapêuticas, mesmo psicanalíticas, que pressupõem a referência ao acesso ao objeto genital, de preferência heterossexual, como testemunho de cura, confundida com adaptação social, cujo ideal é proposto pelo bem adaptado analista que lhe servirá de modelo.

Para sustentar sua proposta sobre o conceito de transferência, Lacan (1992) não se poupará de trabalhar extensamente o conceito no Seminário dos anos 60/61. Ele atribui o tempo que seu ensino precisou para chegar nele – é no oitavo ano de sua transmissão – a complexidade própria do conceito. No entanto, neste Seminário a crítica contundente sobre os rumos que a psicanálise tomou depois de Freud que é seu tom, expressa-se num ataque ainda mais preciso sobre a psicanálise praticada segundo os preceitos da IPA. Desconstrói o uso que vinha sendo dado ao conceito de contratransferência,

operando com sua formulação dos registros RSI para banir qualquer possibilidade de uma *two bodies psychology*. Situa definitivamente o conceito de desejo do analista referido a uma condição de alteridade, que só a posição simbólica sustentará. É desde esse lugar, que leva em conta a condição dissimétrica, que o analista terá as condições de construir sua posição lógica e conseqüentemente operar o manejo e interpretação da transferência.

Encontramos um Lacan inspirado para tratar o tema da transferência, já que, como bom freudiano, começa o seminário com o tema do amor – “a transferência é algo que põe em causa o amor” (p. 71) - nomeado como mola que pulsionaliza o sujeito, bem como a mola da cura em psicanálise. Encontra em um dos discursos de Platão, a descrição do que uma interpretação pode produzir como efeito sobre a posição de um sujeito. Trata-se do “Banquete”, onde Lacan toma a posição de Sócrates como exemplar da posição desejo do analista, ao produzir uma interpretação dirigida ao desejo de Alcebiades. Em sua análise de cada um dos discursos proferidos em nome do amor naquela noite memorável, a qual reuniu um grupo de influentes que Lacan nomeou como reunião de tias velhas, vai nos desvelando o caráter imaginário do amor e o objeto que está em questão nesta busca – agalma, que é desejo do desejo do Outro.

A originalidade da leitura de Lacan em sua utilização da narrativa platônica para o que está em jogo na transferência é a referência de que o milagre do amor é realizado para o sujeito na medida em que se torna desejante. É a operação da metáfora do amor, cujo efeito é a passagem de erômenos (o amado) à erastes (o amante). “Se ele parte do que tem e não conhece, o que vai encontrar é o que lhe falta...É como aquilo que lhe falta que se articula ao que ele vai encontrar na análise, a saber, seu desejo” (p.71). É no desdobramento dessa temporalidade de

uma posição à outra que o processo de transferência atua. E a qualificação desse objeto do desejo como agalma, o situará como lugar vazio na análise, endereçado como desejo direcionado ao ser do analista. E é precisamente neste ponto que Lacan articulará esse ponto a mais, com potência de barramento da díade imaginária assim armada. Nunca mais poderemos considerar *two bodies*, já que a instância terceira não mais poderá ser desconsiderada ao se tratar do que está em questão quando dois sujeitos se encontram em análise. A consideração da dimensão da linguagem, sustentação desse encontro, situa a dimensão do Outro, e o atravessamento dessa dimensão no eixo imaginário é tudo o que está em questão na transferência, como ele demonstrou no esquema lântida. É o que permitirá a produção de outros efeitos além do efeito de identificação do paciente ao analista, conforme o ideal que se decanta da práxis de tomar a contratransferência como referência à interpretação.

A condição de desejo do analista, que efetivamente se articula em uma experiência em bons termos da análise pessoal, é o que convocará um outro sujeito a produzir um saber sobre sua verdade. É ali que o psicanalista aprende a escutar em seu próprio discurso as fraturas e onde seu dizer falha e, portanto, o inconsciente se revela, possibilitando a articulação desse saber insabido que pode lhe lançar novos sentidos onde antes só havia a cristalização do sintoma.

Para concluir, a constatação do quanto a formação clínica em psicanálise implica na condição de uma prática acompanhada. Acompanhada pela análise, pela supervisão e pelos diferentes espaços discursivos oferecidos pela instituição. É só pelo desdobramento de suas próprias transferências que um psicanalista poderá construir e sustentar a condição de al-

teridade que sua posição requer. É aí que a angústia encontrará o abrigo possível para a sustentação do impacto da transferência, dando borda ao iniciante e permitindo o gosto da posição de escuta.

## REFERÊNCIAS

- LACAN, J. O Seminário, livro 8: A Transferência [1960-1961]. RJ: Jorge Zahar, 1992.
- \_\_\_\_\_. Intervenção sobre a transferência [1951]. In Escritos. RJ: Jorge Zahar, 1998.

## DOS CONSTITUINTES DA FRONTEIRA DO 'EU': UM OLHAR À PRIMEIRA INFÂNCIA

**Alessandra Caroline Ortiz  
Zimmerman**

*Acadêmica do Curso de Psicologia da UFSM,  
estagiária da CEIP*

Trabalhar com a psicanálise de adultos, nada mais é do que resgatar, por meio da fala e da escuta, a criança que um dia esse já foi, como nos postulou Sigmund Freud (1885-1938). Portanto, atentar para a chegada da criança ao mundo, a forma como é recebida e introduzida ao social, assume uma dimensão importante a ser considerada nos estudos e como possibilidade de intervenção em psicanálise.

O desejo do sujeito, objeto essencial a ser encontrado na escuta do analista, passa a ser constituinte daquele nas etapas iniciais de sua vida, considerando que ele próprio é fruto do desejo de outrem, pois se ele se deixou nascer, é porque cumpriu o desejo de alguém. Ao nascer, sem recursos simbólicos desenvolvidos para incorporar os elementos pertencentes ao mundo externo, na medida em que ainda não se reconhece enquanto um 'Eu' e que não estabelece os limites entre o dentro e o fora, mediante as barreiras estabelecidas pela pele, o bebê necessita de alguém que lhe vá ser base para que cumpra essa tarefa e quem lhe ceda os subsídios, esse é aquela(e) que realiza a função materna (SZEJER, 1999).

Psicanalistas como Donald Winnicott e Melanie Klein, trouxeram-nos em suas teorias a dicotomia entre os dois mundos: interno e externo, mas principalmente a maneira como os objetos, que nos vão sendo ofertados pela figura materna, adquirem um reconhecimento do que pertence e é constituinte do Eu.

Seja por meio dos objetos transicionais ou pelo seio (bom e ruim), o bebê vai compreendendo que lhe são ofertados mate-

riais, subjetivos ou físicos, ou seja, que há alguém que está investindo nele e que lhe é base para vida. Isso se dá se o *infans* puder encontrar-se no desejo de alguém que o desejou ou passou a desejar após o advento de seu nascimento, que há uma mãe suficientemente boa que assuma a simbiose esperada dos primeiros tempos do bebê, e que vá aprendendo a corresponder às necessidades deste. Winnicott (2000 [1956]) chamou esta capacidade, de entregar-se aos cuidados do bebê, de "*preocupação materna primária*", em que a mãe é esse contexto que possibilita o nascimento de um sujeito e, então, há 'chão' para um desenvolvimento saudável e dentro do esperado. A mãe empresta um pouco de si para o nascimento do bebê, é a primeira borda encontrada, é o primeiro delimitante que o bebê encontra, tendo em vista que precisa ultrapassar a barreira do dentro do corpo dela para fora e deparar-se com as novas vicissitudes exigidas pelo mundo externo, começando por seus sentidos.

Considerando aqui que a constituição do bebê emana de um apoio, de alguém que o sustente para que venha a se reconhecer enquanto corpo e depois enquanto sujeito, penso aqui o conceito de fronteira como fundamental. Entendendo fronteira como "*Limite: de um país ou território no extremo onde confina com outro: demarcação de fronteiras; região adjacente a esse limite: cidade de fronteira. [...]; extremo, fim, termo; limite material de um sistema; separação entre um sistema e o seu exterior*" (FERREIRA, 2004). Assim, já temos em sua própria definição a ideia de que é algo que se faz, que se pode atingir. O bebê necessita de alguém que demarque e diga que ali é a beira entre uma ou outra região, e esse alguém, inicialmente, é aquele(a) da função materna.

Podemos seguir Andieu (1989) e trabalhar os conceitos que ele coloca como cruciais, considerando que os aspectos dos sentidos assumem grande influência na construção dessa fronteira, na medida

em que o toque, os sons, vão dando este contorno ao bebê, dependendo da qualidade do “círculo maternante”, mas não desconsiderando os aspectos genéticos. Andieu (1989), nos traz que a díade mãe-bebê funciona como uma interface, que reforça seu conceito de “Eu-pele”, onde a pele ganha destaque, na medida em que ela é representante primeira do nascimento orgânico, biológico, além de configurar-se como lugar primário de troca, de toque, sendo também algo que serve de proteção da nossa individualidade (p. 17).

A díade mãe-bebê funciona como uma interface, que reforça o conceito de Andieu de “Eu-pele”, onde isso que acontece entre esses dois componentes faz parte do círculo maternante, na medida em que, como na fronteira, no que é continente, ele circunda o bebê, ele é um envelope externo que oferta mensagens e que deve ser flexível a receber os conteúdos vindos do envelope interno, aquilo que é do bebê. Assim, ser um ‘Eu’, é sentir que ao emitir conteúdos, esses são passíveis de serem captados pelos outros; também é sentir-se único. Essa pele comum é o que os conecta e já indica a separação que deverá ocorrer futuramente. “A interface é isso que altera o funcionamento psíquico para que ele se configure como algo cada vez mais aberto, preparando a mãe e o bebê para serem cada vez mais separados. Apesar disso, é essa interface que proporciona e ratifica a dependência mútua da díade” (Andieu. 1989, p. 87-88).

Existe um instrumento de avaliação clínica, o qual oferece os créditos pela ideia deste texto, ao passo que é pouco ou nada comentado e disseminado nas aulas de abordagem psicanalítica. Tantas são as vezes em que a psicanálise é cobrada por não ter cunho científico em suas indagações e descobertas que, mesmo que não seja esta a função, tal instrumento poderia servir como material de reflexão aos acadêmicos de psicologia. Estou tratando do instrumento de Indicadores clínicos de ris-

co para o desenvolvimento infantil (IRDIs). Tive o prazer de ser apresentada a ele, primeiramente, em um projeto de extensão, e logo após encontrá-lo nas discussões teóricas do estágio clínico na Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP).

O IRDIs foi construído primeiramente com 31 indicadores, hoje está formado por apenas 18 indicadores. Esses são preenchidos no seu uso a partir de “presente”, “ausente”, “não observado”, subdividido conforme a etapa do desenvolvimento de 0-4 meses, 4-8 meses, 8-12 meses, 12-18 meses, daquilo que se espera que a criança esteja cumprindo naquele período de seu desenvolvimento. Seus indicadores são avaliados mediante acompanhamento da interação mãe-bebê até a terceira etapa, na quarta, a função paterna já passa a ser considerada também. A importância central do seu uso é a detecção precoce de problemas de desenvolvimento na primeira infância. Em sua forma original, no tempo de sua criação, os 31 indicadores diziam dos eixos teóricos que são: suposição do sujeito, estabelecimento da demanda, alternância presença/ausência e a função paterna.

Como nos traz Kupfer (2009), “A delimitação desses eixos baseou-se nos Três ensaios para uma teoria sexual (Freud, 1905), Além do princípio do prazer (Freud, 1920) e A dissolução do complexo de Édipo (Freud, 1924) e nos seminários 4 e 5 de J. Lacan (Lacan, 1995, 1999)”. Seguindo esse que é um dos textos base para fundamentação teórica dos IRDs, podemos formalizar tais conceitos de forma mais clara. Não há o que discutir em relação ao não determinismo do biológico para o surgimento do sujeito. Pensar que o bebê nasceu com suas funções orgânicas preservadas, o que no senso comum é visto como o bebê “perfeito” tão idealizado pelos pais, desde que desejado, não declara o sucesso na emergência do ‘Eu’; tomar as coisas desta forma é adotar uma posição fragmentadora do sujeito. Porém, o cumprimento das funções do bebê como mamar, dormir, chorar, preci-

sa de alguém que lhe ceda o lado simbólico destes feitos, afim de que desenvolva suas habilidades de convocar o Outro para satisfazer-lhe. Assim, esse Outro é quem vai “marcar e organizar as funções orgânicas, anatômicas, musculares, neurofisiológicas da criança, a partir do laço que ela estabelece com um outro humano, geralmente a mãe ou o cuidador”, tudo por meio da linguagem (KUPFER, 2009, p. 15). Portanto, a subjetividade é o ponto central do desenvolvimento em todos os seus aspectos, na medida em que também é organizador desse psiquismo. Em psicanálise, ela é construída por essa entrada da criança no âmbito da cultura e da linguagem.

Portanto, esse Outro é quem dá o ritmo do desenvolvimento, é por meio de sua estimulação que as habilidades sociais e a constituição psíquica serão pautadas. Só se poderá dizer que o bebê está se constituindo como um sujeito, ao passo em que ele vai podendo responder por si mesmo, quando suas manifestações são próprias e tem a marca própria daquele bebê, quando elas representam aquela criança em particular. E é por meio da linguagem que ela faz isso, bem como é por ela que será feita a sua introdução ao mundo, ao social, desde quando nasce e através do manhês. Mas para essa entrada na linguagem ser bem sucedida, Jerusalinsky (2011) nos coloca a condição de que esse bebê encontre o seu lugar no desejo dos pais, eles devem deixar claro o que essa criança significa no seio familiar, assegurando a posição desse sujeito. E disso surge a importância da constituição dos conteúdos inconscientes, já que o inconsciente não é outro em nós, ele é nosso e só existe com a ordem da linguagem. É por meio dela que os nossos conteúdos se manifestam, sejam eles conscientes ou não.

Isso que fica como faltante no desenvolvimento do bebê pode ser visto como uma falha na exposição por meio da palavra do lugar que esse filho ocupa no desejo dos pais. Talvez mesmo por ele não ter sido desejado, a mãe talvez não tenha conseguido

se doar enquanto este envelope externo, que assegura a emergência dos conteúdos internos para que nasça o ‘Eu’. Poderíamos pensar também por outra via, seguindo Andieu (1989), utilizando o exemplo dos autistas, que se fecham em um envelope autista, ao passo que se fixam na fantasia intrauterina e fracassam em se aproximar de uma pele que seja compartilhada. Constitui-se, assim, um sistema fechado, centrado em algo que não nasceu: a díade. Assim, “sem as experiências adequadas no momento oportuno, a estrutura não é adquirida ou, com maior frequência, encontra-se alterada” (ANDIEU, 1989, p.19).

Interessante perceber que não é só na criança que chega ao consultório que as implicações destes primeiros tempos de vida se apresentam, mas também por meio dos adolescentes e adultos que se questionam sobre o lugar que ocupam em seu seio familiar. Desta forma, pensar estas questões dos primórdios da vida, a forma como a criança foi situada e introduzida no cotidiano dos pais, a partir de suas necessidades, principalmente podendo contar com instrumentos que nos apoiem nesta questão, mesmo que não venham a ser utilizados na clínica, mas apenas para a reflexão dos primeiros tempos da criança, surgem como de suma importância. Afinal, pensar uma criança que é concebida é pensar qual sujeito dela pode advir futuramente.

## REFERÊNCIAS

- ANZIEU, D. O eu-pele. Tradução de: Zakie Yazigi, Rosali Mahfuz; Revisora técnica: Lafite Yazigi. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0. Edição eletrônica autorizada à Positivo Informática LTDA, 2004.
- JERUSALINSKY, A. *et al.* Pesquisa multicêntrica de indicadores clínicos para a detecção precoce de riscos no desenvolvimento infantil. Revista

- Latinoamericana de psicopatologia fundamental, ano VI, n. 2, jun/2003.
- JERUSALINSKY, A. Para entender uma criança: chaves psicanalíticas. Tradução de: Erika Parlato-Oliveira, Roberta Ecleide O. Gomes-Kelly e Emilene Parlato. São Paulo: Instituto Langage, 2011.
- KUPFER, M. C. M. Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath.* Online, v. 6, n. 1, p. 48-68, maio de 2009.
- SZEJER, M. Palavras para nascer: a escuta psicanalítica na maternidade. Tradução de: Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- WINNICOTT, D. W. Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000[1956].

## A DIREÇÃO DA CURA NAS PSICOSES: O QUE SE DIRIGE?

**Nilson Sibemberg**

*Psicanalista, Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)*

No início dos anos 90 foi criado, em Porto Alegre, um residencial público para abrigar diversas pessoas que antes viviam em uma pensão vinculada a Clínica Pinel, que fora fechada. A Pensão Pública Protegida, Nova Vida, foi o primeiro equipamento público na cidade que se colocou na perspectiva da Reforma Psiquiátrica. A grande maioria de seus residentes eram pessoas afastadas do convívio familiar e que sofriam com sua psicose. Além dos moradores, outras pessoas passaram a frequentar o espaço da Pensão, buscando alguma forma de tratamento. Porém, o que se oferecia, além da clínica psiquiátrica, era, como podemos chamar hoje, um cuidado psicossocial. Nesse contexto, João, morador da pensão, encantou-se por Maria, que frequentava oficinas terapêuticas na casa, mas morava em residência própria. João sofria com uma esquizofrenia paranoide grave, apresentando um delírio de conteúdo sexual persistente que lhe apontava o risco da feminização. Maria apresentava uma deficiência intelectual, à qual se somava uma psicose maníaco depressiva, ou transtorno afetivo bipolar se preferirem, cujo polo predominante era depressivo. Quando João iniciou o jogo de sedução e conquista de Maria, nós que trabalhávamos na Pensão, a equipe técnica composta de psiquiatra, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais, além da equipe de apoio da cozinha e serviços gerais, sabíamos que um dos objetivos de João era encontrar um lar fora da instituição. Porém, não era qualquer lugar, era um lar junto da mulher com quem desejava estar. Iniciou-se um debate dentro da equipe sobre permitir ou não esse namoro. João

estaria se aproveitando da “inocência” de Maria? Ele iria usá-la para fins escusos? Além de cuidar da prescrição psiquiátrica de João eu costumava escutá-lo em entrevistas individuais e sabia que esse namoro carregava de fato o desejo de constituir um lar com Maria. Um lar fora da Pensão, um lar com uma mulher que precisava de cuidados, um lar onde ele, como homem, estaria com sua mulher. Mais perguntas surgiam: como um esquizofrênico tão grave vai cuidar de uma casa, de si próprio e de uma mulher deficiente intelectual e depressiva? Minha resposta a todas essas perguntas era: não sei, mas por que temos que interferir nesse namoro? Deixa rolar. Alguém já viu uma relação a dois perfeita, sem dificuldades? Por que a deles teria de ser diferente? Por que eram loucos? Caso desse certo poderíamos ajudar. Se desse errado, João voltaria para a Pensão e Maria seguiria sua vida. Não é assim que acontece quando os casais se separam? Eles foram morar juntos. E seguiram juntos no apartamento de Maria, onde João cuidava de tudo, da casa, do dinheiro, dos tratamentos dele e de Maria, até que uma doença física colocou João em cadeira de rodas. Já se passavam anos quando ficou inviável para João cuidar da casa e de Maria e ambos foram viver como casal num residencial geriátrico. Ficaram juntos até o falecimento de Maria.

Quando recebi o convite para participar dessa jornada clínica imediatamente lembrei dessa história. Fiquei a me perguntar do porquê da lembrança. Talvez o fato desta ser uma jornada dentro de uma universidade, onde o público majoritário é formado por estudantes, jovens que ao sair do curso de psicologia terão nos serviços públicos de saúde um campo de trabalho, talvez isso tudo tenha me lembrado dos primeiros anos de minha clínica no serviço público e me indaguei se não seria oportuno compartilhar da reflexão que hoje posso fazer dela.

Do texto “A Direção do tratamento e os princípios de seu poder” (Lacan, 1958), selecionei algumas frases que gostaria de lhes lembrar. Evidentemente fazem parte de um determinado contexto histórico e textual, no entanto vou me servir delas para lhes apresentar alguns pensamentos. São elas:

1.”que uma análise traga consigo os traços da pessoa do analisado, fala-se disso como se fosse óbvio. Mas acredita-se dar mostras de audácia ao manifestar interesse pelos efeitos que nela surtiria a pessoa do analista. É isso, pelo menos, que justifica o frêmito que nos percorre ante as expressões em voga sobre a contratransferência, o que sem dúvida contribui para lhes mascarar a impropriedade conceitual: pensem na altivez de espírito de que damos testemunho não nos mostrar feitos, em nossa argila, da mesma daqueles que moldamos.

O que escrevi aí é uma impropriedade... sob o nome de psicanálise, está-se empenhado numa “reeducação emocional do paciente”. (Lacan, 1958, p. 591)

2. “O psicanalista certamente dirige o tratamento. O primeiro princípio desse tratamento, o que lhe é soletrado logo de saída, que ele encontra por toda parte em sua formação, a ponto de ficar por ele impregnado, é o de que não deve de modo algum dirigir o paciente. A direção da consciência, no sentido do guia moral que um fiel do catolicismo pode encontrar neste, acha-se aqui radicalmente excluída.”(Lacan, 1958, p. 592 )

3.”O analista é ainda menos livre naquilo que domina a estratégia e a tática, ou seja, em sua política, onde ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser.

Dizendo as coisas de outra maneira: sua ação sobre o paciente lhe escapa, juntamente com a ideia que possa fazer dela, quando ele não retoma seu começo naquilo no qual ela é possível, quando não retém o paradoxo do que ela tem de retalhada, para revisar no princípio a estrutura por onde qualquer ação intervém na realidade.” (Lacan, 1958, p. 596)

Atualmente tem se escutado um termo diferente do empregado por Lacan, mas semelhante em seu conteúdo: psicoeducação. O que representa na relação médico – paciente, ou mesmo analista – analisando, psicoeducação ou educação emocional? Não se estaria aqui marcando que uma argila pode ser moldada por uma imagem ideal fruto do saber, dos sintomas e preconceitos de quem dirige um tratamento? O que direciona uma cura, a posição enunciativa daquele que nos fala ou uma imagem construída prévia ao sujeito, segundo seu diagnóstico categorial no discurso médico, a qual o paciente teria que se moldar?

Garrincha, ao receber instruções do técnico da seleção brasileira sobre como atuar em um jogo de copa do mundo contra a seleção russa, perguntou: e já avisaram o lateral deles como fazer? Ou seja, demandar do paciente a adequação a um ideal é sempre uma imposição que é estrangeira ao sujeito. Demandar isso de um psicótico pode produzir diferentes efeitos. Agressividade se ele estiver numa posição paranoide, visto que o outro se mostra ameaçador de sua luta para se preservar da intrusão do Outro, ou extrema passividade, anulação do mínimo que o paciente poderia produzir como sujeito, ao se assujeitar a posição totalizante do Outro. Esta última é a posição que costumamos assistir nos internos esquizofrênicos ou esquizofrenizados, abandonados nos ainda remanescentes manicômios. O lugar do suposto saber do terapeuta, na transferência com psicóticos, costuma ser de um todo não barrado. Responder, desde esse lugar, à demanda que o paciente nos dirige impede o trabalho que ele necessita empreender na construção de uma significação do que se passa com ele na relação com seu corpo e o Outro como representação do laço social e de suas demandas fálicas.

Certamente poderíamos alongar essa questão levando em conta as possibilidades languageiras de cada paciente, já que elas definem as possibilidades que o

sujeito psicótico tem de construir tais significados que orientem seu modo de estar na vida consigo e com os outros. Mas o que desejo sublinhar é que não precisamos de unidades de internação manicomial, dos muros do hospício, para produzir posições de alienação ao Outro que são mortíferas ao sujeito. Basta com que a equipe técnica deseje moldar o barro do paciente a sua imagem e semelhança neurótica, como se ela também não fosse barrada, marcada pela falta a ser.

Portanto, dirigir um tratamento não significa dirigir a vida e as decisões de nossos pacientes. Lembrem do que pensavam os jesuítas ao chegar nas américas e se depararem com os nativos despidos. Eram desprovidos de alma. E só poderiam encontrá-la no enlace com o Deus do catolicismo. A imposição da fé cristã aos impuros indígenas só pôde se dar pela profunda negação das significações ao redor das quais eles organizavam suas vidas em comunidade. Não se trata de comparar um índio à um sujeito psicótico ou vice-versa, longe disso. Mas de ressaltar que a fala desse sujeito constituída na estrutura de um delírio não constitui um simples sintoma de doença a ser suprimido. Ela diz de uma verdade, que não a verdade dos fatos da realidade, a verdade do sujeito, de sua posição na linguagem, de sua condição subjetiva de construir significados para sua existência na relação com o Outro, de suas possibilidades de encontro com o discurso social. Essa é a seta que aponta o sentido do caminho a ser percorrido na clínica das psicoses.

Em se tratando de realidade vale então sublinhar que a realidade com a qual lidamos ao escutar um sujeito é sempre a realidade psíquica. No entanto, muitos desses cidadãos necessitam de um cuidado sobre suas condições materiais de vida. Nesse ponto uma intervenção no real da vida por parte da equipe muitas vezes se impõe. Ainda assim esse cuidar passa pela posição do sujeito, pela suposição de

um saber mínimo que seja por parte desse sujeito como orientador das intervenções de uma equipe multiprofissional que trabalhe de forma interdisciplinar.

Maria morreu numa crise de catatonia da qual não conseguiu sair. João continua vivo, idoso num lar geriátrico, ainda com o mesmo delírio que diz de um empuxo à mulher. Não obstante, suas dificuldades e sofrimentos viveram bons tempos como um casal, fazendo suporte um ao outro.

O trabalho com as psicoses constitui uma clínica extremamente árdua, na qual sua direção ética necessita ser lembrada com insistência. Uma clínica onde o limite de quem a dirige, mais além de sua falta-a-ser, está sempre dado pelas possibilidades e limites insabidos daqueles a quem oferecemos um lugar de endereçamento para sua demanda.

Obrigado por sua atenção.

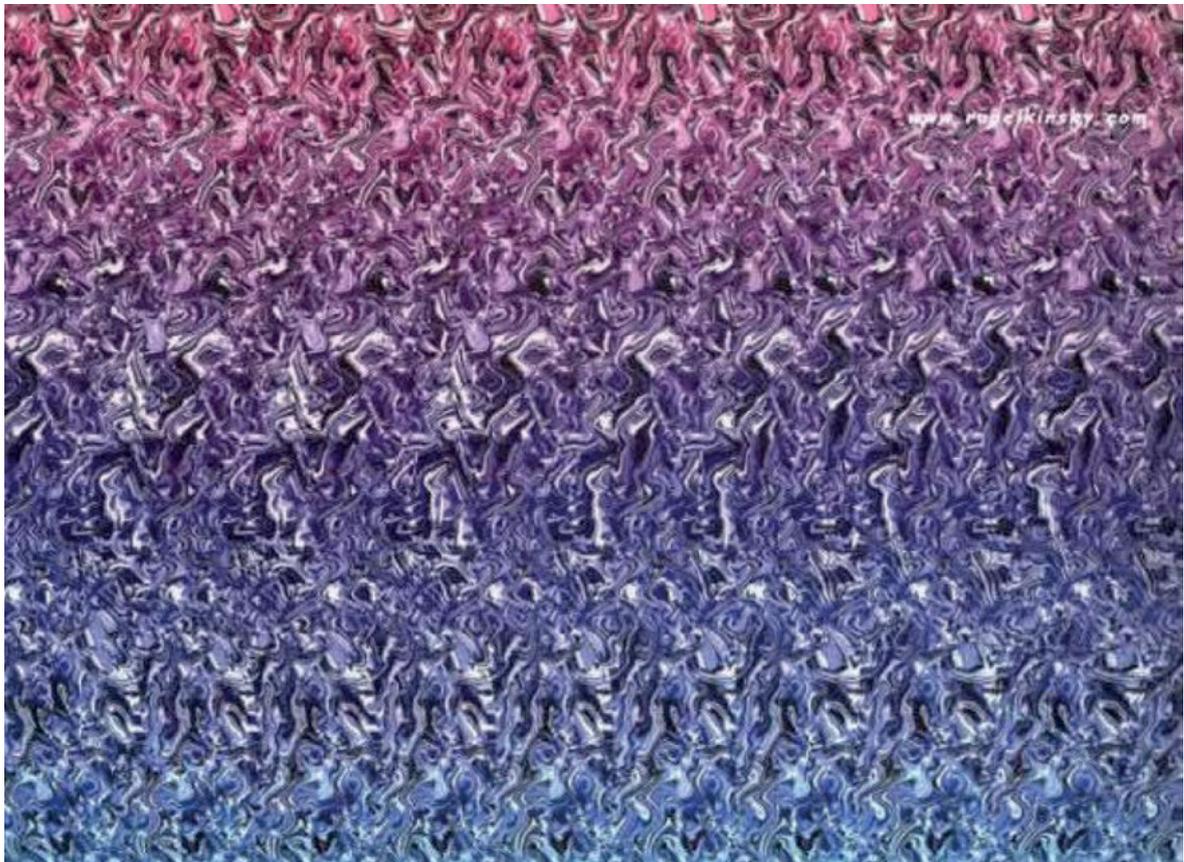
## REFERÊNCIA

Lacan, J.(1958) A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 591-652.

## DOIS OLHARES SOBRE O ESTEREOGRAMA: A IMAGEM E A FIGURA

Leonardo Senna

Acadêmico do Curso de Psicologia da UFSM



Como é enxergar algo em vez de ver? O que é essa imagem? Como é essa imagem? Não há a necessidade de uma resposta imediata porque não é imperativo que exista. Minhas perguntas são: o que você está vendo nessa imagem? E o que você enxerga? Acredito que as respostas serão diversas, alguns dirão que é uma imagem muito bonita, que as cores estão bem distribuídas em um degrade harmonioso, outros arriscarão ver uma imagem abstrata, outros dirão que não significa nada, é algo sem sentido e é apenas uma imagem colorida. E se eu arriscasse dizendo que nessa imagem existe uma figura que quer emergir, que deseja aparecer, que precisa existir, e que sua existência depende unicamente do olhar? É Isso mesmo, depende de sua ação de não ver para que você possa enxergar. Estamos falando

aqui de um limite instalado entre deixar de ver para poder enxergar, estamos tratando aqui do fazer existir algo que está bem à frente dos nossos olhos, mas mascarada por uma imagem de fácil acesso à visão, mas não ao olhar. Enxergar a figura que clama para existir não é tarefa fácil, é necessário ter coragem para encarar o desconhecido, quem sabe um retorno às angústias do incompreensível e depois disso dar conta de sustentar a forma de existir daquela figura. Não é que a figura não exista por si só, ela existe sim, no entanto deseja o olhar curioso e corajoso daquele que abdicou de ver para poder enxergar, daquele que não se contentou com as aparências e as descrições dos objetos feitas por outros, daquele que enfrentou o medo de enxergar para fazer existir novos possíveis. Quando falo aqui daquilo que

está à frente dos nossos olhos e podemos apenas ver e não enxergar, estou falando da necessidade de termos um déficit na visão e um aprimoramento no olhar. É preciso ser cego à imagem para poder enxergar a figura. É nesse tocante que a literatura de Edgar Allan Poe em *A Carta Roubada*, a qual já foi objeto de estudo por Lacan, nos oferece um exemplo característico dessa relação quando Dupin comenta que a própria existência da simplicidade é desorientante. O trecho que nos interessa aqui diz assim:

*[...] trata-se, na verdade, de um caso muito simples, e não tenha dúvida de que podemos resolvê-lo satisfatoriamente. Mas, depois, pensei que Dupin talvez gostaria de conhecer alguns de seus pormenores, que são bastante estranhos.*

*— Um caso simples e estranho — comentou Dupin.*

*— Sim, realmente; mas por outro lado, não é nem uma coisa nem outra. O fato é que todos nós ficamos muito intrigados, pois, embora tão simples, o caso escapa inteiramente a nossa compreensão.*

*— Talvez seja a sua própria simplicidade que os desorienta — disse o meu amigo.*

*— Ora, que tolice — exclamou o delegado, rindo cordialmente.*

*— Talvez o mistério seja um pouco simples demais — disse Dupin.*

*— Oh, Deus do céu! Quem já ouviu tal coisa?*

*— Um pouco evidente demais.*

*O delegado de polícia prorrompeu em sonora gargalhada, divertindo-se a valer:*

*— Oh, Dupin, você ainda acaba por me matar de riso! [...]*

É nesse percurso que devemos seguir e fazer tramitar essa simplicidade desorientante, é nesse momento que é seguro afirmar que existe sim uma figura que pode existir daquela imagem e essa está porvir como uma maneira de perceber o futuro anterior trabalhado por Freud, como um “tereí enxergado” e alguma certeza real ou criada como num processo de análise na clínica. Nesta, analisando e analista remontam uma questão do passado e o primeiro se depara com o traumático, o qual, para Freud, é uma questão sexual a fim de dizer que agora se sabe que ele, o trauma, sempre esteve lá. Para Lacan, as ocasiões traumáticas referem-se a desvelamentos que têm ocasião na fala e que, em um só tempo, cria passado e orienta a possibilidade de futuro. Nesse estado ilustrativo que se compreende a figura estando lá e encoberta pela imagem. Não é minha intenção aqui descrever tal figura. O que deve ficar claro é que essa figura existe e pode ser acessada por muitas pessoas, no entanto devo anunciar que muitas não conseguem realmente enxergar, seja por questões biológicas de visão, seja porque enxergar é um ato de coragem, seja porque as defesas que se levantaram não permitem que a figura apareça, seja porque não destinaram tempo suficiente para esperar que as imagem que temos de muitas coisas do mundo sejam suspensas e permitam surgir a figura.

Diante disso, e para esclarecer mais um pouco e evitar a incompreensão e não parecer algo místico, fantasioso, um truque de mágica ou qualquer coisa que o valha, é imperativo explicar que essa figura é chamada de estereograma ou um par estéreo, como também é conhecido, e é uma técnica de ilusão de óptica, onde a partir de duas imagens bidimensionais complementares, é possível visualizar uma imagem tridimensional. No entanto, aqui critico essa descrição como sendo uma “ilusão de óptica”, a meu ver encaro como uma experiência de desilusão de óp-

tica, ou seja, a imagem é a forma de ilusão que aceitamos naturalmente. O desconhecido, o que está escondido nessa imagem é a figura que surge no lugar daquilo que não era nada antes, ou era num lugar inexistente, por isso que defendo que a figura só irá existir se alguém se desiludir com a imagem aparente e libertar a figura que ali deseja existir, ter existência para aquele que permitir que ela venha a nascer em sua experiência. Nesse momento lembro quando Friedrich Nietzsche em meio a seus escritos nos ofertou este pensamento: “É preciso muito caos interior para parir uma estrela que dança”. Realmente é preciso muita pressão, muito desejo para fazermos aparecer o inexistente no mundo exterior, é necessária muita energia para dar vida a uma figura, sim, nós fazemos todo tipo de figuras, figuras morais, figuras aterrorizantes, figuras prazerosas e principalmente figuras sexuais, por exemplo. E por que fazemos figuras? Fazemos figuras alicerçados no eu e para evitar a angústia de destruição do mesmo frente a uma falta, frente a um sem sentido, fazemos figuras para garantir que aquele que fez sentido não se perca diante de um suposto desaparecimento e para sempre.

Quando penso no processo de fazer aparecer a figura, lembro do sofisma dos três prisioneiros, o qual Lacan veio a trabalhar para esclarecer o conceito de tempo lógico. Esse sofisma envolve colar um disco branco ou preto nas costas de cada prisioneiro, sendo que existem três discos brancos e 2 discos pretos. A partir da visualização dos discos nas costas dos outros dois prisioneiros, cada um deveria inferir qual era a cor de seu disco e se encaminhar a porta para dar a resposta e lograr a liberdade. O desenrolar desse sofisma foi encarado por Lacan para desenvolver as questões sobre o “instante de ver”, o “tempo de compreender” e o “momento de concluir”. Esses tempos são possíveis de acontecerem em análise na clínica e aqui para nós pode ser usado para esclarecer sobre a experiência com estere-

ogramas. Desse modo, o primeiro tempo, o de ver, se insere num momento de sincronia entre o par estéreo, ou seja, as duas imagens bidimensionais entram em sincronia, a partir do olhar do observador. Sabe-se que a sincronia de duas imagens bidimensionais faz surgir uma figura tridimensional, a qual ainda deve passar, no nosso exemplo, pelo tempo de compreender do observador. Esse, por sua vez, deve voltar a si mesmo num momento de diacronia, assim como fizeram os prisioneiros e neste caso só pode saber o que é se compreender o que não é para poder vir a ser. Esse tempo é distinto e diferente para cada um, o que pode possibilitar o tempo de concluir, ou seja, a formação da figura se daria com a simultaneidade da sincronia e da diacronia para fazer aparecer a conclusão, a qual é evidenciada na formação da figura e a partir da fala do observador poder anunciar que a figura é uma xícara, um cachimbo, um cavalo, um casal dançando ou qualquer outra figura que possa se encontrar num estereograma.

Para tanto, estamos nos dirigindo para um dos finais dessa escrita e ainda não sabemos o que irá aparecer dessa imagem. É possível que todo o investimento de leitura e interesse para descobrir sobre o que estou falando até agora, decepcione. Decepcionante porque não posso contar para ninguém o que vem da imagem ou o que deveríamos enxergar ali. Fazer isso seria um desrespeito com aquele que está interessado em enxergar, seria injusto criar a figura e desvendar o mistério, seria uma afronta à pulsão que pode estar emergindo e gritando para aparecer. É preferível, nesse caso, fazer aparecer o silêncio e usá-lo em proveito da angústia e da falta, assim como uma ausência de confirmação ou negação vindas do analista, o que faz movimentar a fala e oportuniza o porvir. No entanto, posso contar como eu faço para enxergar figuras escondidas em imagens. Eu sei que é um caminho, um caminho que pode não ser seguido e para ser sincero eu gostaria que realmente não fosse.

Tudo começa escolhendo uma imagem de estereograma, nesse ponto a imagem não importa porque o que me interessa é fazer existir a figura que eu acredito que esteja esperando para aparecer, assim como uma questão do passado a qual eu não lembro mas acredito que esteja lá para ser desvelada. Até esse momento a figura é inteiramente desconhecida, eu não imagino o que pode existir ali. O próximo passo é prestar muita atenção em todos os detalhes da imagem, ver seus limites, suas bordas, suas fronteiras e tentar conhecer claramente a imagem. Esse passo é importante, já que o que quero é deixar de ver a imagem, e enquanto ainda existir alguma coisa nova, desconhecida, não poderei deixar de ver como ela é e nem deixar de notar algo que possa surgir. Logo depois de exaurir (o máximo disponível para mim) o conhecimento dessa imagem eu passo para o momento de fixar meu olhar no centro dela, eu preciso me perder na imagem, preciso me ver nela, ver a imagem como meu reflexo, e só quando consigo me ver na imagem que passo a ter acesso aos primeiros traços da figura, nesse instante, ou seja, é necessário instar esse momento, preciso insistir, solicitar que a figura se construa diante de mim. Existe um limite quase imperceptível nas primeiras vezes em que tentamos essa experiência, esse limite está entre o desaparecimento da imagem para o aparecimento da figura, ou seja, as duas nunca existirão ao mesmo tempo, jamais poderemos ver e enxergar no mesmo instante, isso porque o instar existente entre a imagem e a figura é muito sensível e obedece em tempos distintos, assim como os tempos lógicos entre “instante de ver”, “tempo de compreender” e o “momento de concluir” tratados anteriormente. Com isso dito, poderíamos dar fim nessa escrita para permitir que aquele que tenha interesse se permita fazer existir a figura que deseja aparecer. Por último eu gostaria de lembrar Narciso quando olha para si no espe-

lho d'água e fica surpreso, fica envolvido e encantado com a figura que ele mesmo fez existir, cuidado!

*[...] Narciso debruçou sobre a fonte para banhar-se e viu, surpreso, uma bela figura que o olhava de dentro da fonte. Com certeza é algum espírito das águas que habita esta fonte. E como é belo!; disse, admirando os olhos brilhantes, os cabelos anelados como os de Apolo, o rosto oval e o pescoço de marfim do ser. Apaixonou-se pelo aspecto saudável e pela beleza daquele ser que, de dentro da fonte, retribuía o seu olhar [...].*

## REFERÊNCIAS

- Araújo, F.M. O Tempo em Lacan. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. xix n. 1 jan/abr 2016 103-114.
- Guasco, L. A Lenda de Narciso - Col. Reencontro Literatura, Scipione, 2008.
- Poe, E. A. *Histórias Extraordinárias*. Victor Civita, Tradução de Brenno Silveira e outros, 1981.

## ENTREVISTA

## Sonho, Cinema e Psicanálise

**Liliane Froemming**

*Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)*

**1) Quais elementos do campo de estudo do cinema despertam a atenção de quem atende na clínica psicanalítica? Em que sentido ocorre uma interação entre esses âmbitos de interesse?**

Os temas da montagem e seus efeitos sobre o espectador e do exercício da escuta da cadeia associativa tendem a entrelaçar-se numa hipótese de que ambos, o psicanalista e o cineasta trabalham com algumas ferramentas comuns. Para aprendizagens da prática clínica de ouvir pacientes a análise de filmes têm se revelado como um valioso instrumento de trabalho. Tanto na fala de um paciente em análise, quanto na produção de um filme, algo da ordem de uma cadeia associativa se produz.

A produção de um filme, em geral, implica em horas de filmagens que, através de cortes, construirá uma cadeia associativa. Os cortes operados de uma cena para outra impõem uma lógica, uma leitura possível, uma sequência, uma possibilidade de produto final, diferente do caso em que os cortes tivessem operado em outros lugares. Poderíamos tomá-lo similarmente ao efeito que produz uma mudança de assunto ou temática na fala de um analisante ou ao corte operado por uma interpretação do analista que poderá sinalizar um novo curso a ser seguido pela cadeia associativa.

Deriva daí nosso interesse pelo estudo da montagem. Há uma deliberação de criar uma cadeia associativa que produz efeitos de significação que tendem a ser “lidos” pelo espectador. Em alguma dimensão, o espectador é “alfabetizado” nesta forma de linguagem, é introduzido num universo semântico, onde vão se criando e

transformando convenções. Já, numa análise, o analisando vai falando e produzindo efeitos pela intercalação ou continuidade de temas, assuntos, descrições de imagens, gestos, silêncios. Há uma dimensão inconsciente que “governa”, que determina uma lógica, nessa aparente incoordenação de ideias do fluxo associativo.

Um paciente escolhe os elementos que irão ilustrar a composição que produzirá ao falar para o analista. Não se trata de uma narrativa no sentido clássico, nem de um texto ou de um discurso. Dessa forma, para situar por onde passam nossas interrogações e nosso trabalho utilizamos algumas perguntas:

O que há em comum entre a montagem no cinema e a associação livre na psicanálise? Em alguma medida a habilidade requerida de um montador em seu trabalho tem algo a ver com a habilidade desenvolvida pelo analista em seu trabalho de escuta da cadeia associativa?

Que relações podem ser estabelecidas entre a estrutura da montagem enquanto linguagem e a linguagem do inconsciente?

Que relações e inferências podem ser feitas a partir da análise das formas como as pessoas relatam seus sonhos e como descrevem filmes no decurso de uma análise?

**2) Será o cinema, como sucessão de imagens, algo que poderia se aproximar ao funcionamento do psiquismo?**

O cinema e a psicanálise apontam para a importância do registro imaginário, trabalham com a questão da imagem. O cinema combina imagem e narrativa. Ao se movimentar de uma imagem para outra os fotogramas produzem uma narrativa. O efeito produzido pelo encadeamento de imagens se converte em linguagem, desde os tempos do cinema mudo.

Como é que os sonhos representam os pensamentos oníricos e as relações entre estes? Um problema para os sonhos - formados predominantemente por ima-

gens visuais – é dar forma a ideias abstratas. A elaboração onírica consiste, em certa medida, na modelagem de pensamentos oníricos e na busca de encontrar imagens que representem as relações estabelecidas entre os diversos pensamentos.

Assim, a questão que se coloca para a Psicanálise e para o Cinema quando se trata de pensar a produção de cadeias associativas, é a de que se há alguma similitude de operar com a lógica das representações e das considerações quanto a figurabilidade de ideias expressas em sonhos ou lembranças.

### **3) A partir de sua experiência de trabalho com cinema e psicanálise, você diria que a constituição do cinema se entrelaça com a da subjetividade contemporânea? Como relacionar o cinema e a clínica na atualidade?**

Difícil e sensível questão que vocês da equipe da CEIP formulam. Não sei se consigo responder mas vou tentar tecer algumas considerações.

O cinema constitui-se como um arquivo de imagens de nosso tempo, lembrando talvez o que possa ter sido a função da tragédia grega na antiguidade, que unia as platéias com sua cultura através de mitos, gestas, épos. A emergência de um novo sujeito, de novas formas de representação do mundo e de novas tecnologias situam o cinema e a psicanálise como contemporâneos de muitas transformações históricas. Ambos também compartilham uma mesma data de nascimento, ao final do século XIX, situando-se em torno do ano de 1895.

Além desta identidade, o cinema e a psicanálise trabalham com a questão da imagem. Em sua obra “A Interpretação dos Sonhos”, Freud (1900/1976) afirma que o sonho é formado predominantemente por imagens visuais, e a questão do olhar perpassa seus estudos desde seu inicial interesse pela hipnose. O cinema opera com imagens, o que é mais

marcante no início, com o cinema-mudo, e desenvolve progressivamente linguagens, operações, técnicas, com o intento de produzir diferentes efeitos no espectador.

Ao tempo de Freud, quando ele propunha a consigna da associação-livre, seus pacientes contavam sonhos. Este foi um móvel que o levou a estudar os sonhos como a via régia para o inconsciente, além da inspiração que seus próprios sonhos forneciam.

Sonhar é uma maneira diferente de recordar. No sonho, surgem lembranças à revelia do sonhador, com matizes e formas figuradas dificilmente passíveis de se transformar em palavras ao despertar.

Hoje, nossos pacientes contam filmes, cenas de filmes entremeadas na cadeia associativa. Sonhar, contar filmes, talvez sejam outras formas de lembrar. Talvez pela via do imaginário ali onde não é todavia possível simbolizar.

### **4) Enquanto fábrica de sonhos, pode-se considerar que os filmes situam uma espécie de sonho compartilhado?**

Muitos cineastas buscaram expressar técnica e esteticamente material onírico em suas obras, utilizando recursos tão diversos como a tela (câmera) trêmula, sobreposição de imagens ou o uso do negativo. Este último foi usado pelo diretor russo Tarkovski no filme “A Infância de Ivan” (1962). O histórico “Segredos de uma Alma” (1926) de Pabst, um dos primeiros filmes a retratar as vias de interpretação do sonho, é produzido numa colaboração entre psicanalistas e cineastas, apesar da restrições de Freud, que entendia ser difícil dar forma plástica aos conceitos da psicanálise através desta nova arte/tecnologia. O filme de John Houston, “Freud, Além d’Alma” (1963), cujo título é uma paráfrase que combina o título da obra freudiana com o filme de 1926 também é antológico.

Poderíamos citar uma série extensa, sempre incompleta, mas onde não podem deixar de figurar filmes como “Morangos

Silvestres” (1959) de Bergman, “Sonhos” (1990) de Kurosawa ou “Spellbound”/ Quando fala o coração (1945) de Hitchcock para falar do tema fábrica de sonhos.

Está é uma expressão utilizada por Godard, cineasta francês, numa referência a Hollywood, ao cinema americano. Se tomarmos a expressão a partir dos escritos de Robert Desnos, publicados em *Le Soir*, nos anos 20, sobre o sonho e o cinema e os sonhos da noite transportados para a tela, talvez possamos nos aproximar mais da ideia de um artesanato, de uma indústria têxtil. Ele dizia que sonhar é um dom com o qual nenhum filme pode competir em termos do imprevisível, do trágico posto em cena na aventura do sonhador. Será que esta afirmação se sustenta ante a produção cinematográfica das últimas décadas? Desnos recomendava aos cineastas registrar minuciosamente seus sonhos como matéria-prima para a composição de seus roteiros. Ir à sala escura do cinema é expor-se a uma espécie de sono artificial, é entregar-se às fantasias. É, talvez, uma forma de projetar o futuro ou refletir sobre o presente e o passado e de buscar formas de transcender o tempo e as realizações concretas, dando asas à imaginação.

De acordo com Freud, o sonho é a realização de um desejo inconsciente que se apresenta sob um disfarce, parecendo convocar uma interpretação. Antes de Freud, encontramos esforços na Bíblia, e em toda uma literatura popular, no sentido de tomar os sonhos como um enigma a ser decifrado. A psicanálise propõe outra direção ao não estabelecer uma chave de sonhos em que cada elemento corresponde a um sentido, afirmando que a interpretação depende das associações estabelecidas pelo sonhador em sua singularidade.

Ao trabalhar diferentes temáticas como sonhos, sexualidade, infância e adolescência, e não pretendemos imprimir um viés psicologizante ou pedagogizante na abordagem dos filmes, mas permitir um outro olhar capaz de inspirar novas formas de

lidar com questões da vida cotidiana. Muitos filmes permitem realizar um passeio que envolve questões culturais, históricas, afetivas, dentre outras, que nos fazem retornar enriquecidos, atentando para coisas que até então passavam despercebidas, nos retirando de uma visão etnocêntrica.

O cinema é uma forma de arte produzida coletivamente. Ainda que o diretor surja como autor, temos o trabalho de muitos (atores, cenografistas, músicos, diretores de fotografia, montadores), elencados nas longas listas de créditos que costumam aparecer ao final dos filmes. A sua fruição estética e emocional também traz esta marca de um compartilhamento entre os espectadores, especialmente quando a exibição ocorre em uma sala de cinema e há manifestações de diversa natureza, como o riso conjunto que uma cena provoca. Nos ciclos realizados, percebemos o quanto esse compartilhamento se faz presente na sala, onde os participantes conseguem se envolver com os filmes e se identificar com a fala dos demais espectadores durante as discussões. Há, assim, uma experiência de alteridade e de implicação que se desenvolve nesse espaço.

**5) O NUPPCINE (Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise e Cinema) tem se utilizado de exposições de filmes relativos a diversas temáticas de interesse clínico, seguidos por debates, embasados na teoria psicanalítica. Seria isto um dispositivo de transmissão da psicanálise? Como você tem considerado os efeitos deste trabalho ao longo do projeto?**

O NUPPCINE (Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise e Cinema) iniciou em 2010, reunindo professores e alunos do Instituto de Psicologia, professores de outras unidades da UFRGS e instituições externas. Seu objetivo é articular ensino, pesquisa e extensão buscando ilustrar conceitos e vivências através do debate e

análise de filmes estabelecendo um diálogo entre estudantes de diversas áreas e comunidade em geral. Uma de suas principais atividades é a promoção de ciclos anuais com uma temática definida, envolvendo a exibição de um filme, seguida dos comentários de dois convidados e abertura do debate ao público que comparece mediante a inscrição prévia. Os ciclos até agora realizados foram os seguintes: Por que ver os clássicos? (2011), A infância e adolescência no cinema e na psicanálise (2012), Sonhos: Cinema e Psicanálise (2013), 8 1/2 Ensaio sobre Sexualidade e Cinema (2014) e Travessias (2015).

O trabalho dos bolsistas e da equipe de professores envolve o planejamento e realização de ciclos, atividades de estudo, elaboração de banco de dados sobre temáticas fílmicas, comunicação constante com os inscritos na atividade de extensão através de e-mails e elaboração de produção escrita para publicação visando a transmissão da experiência.

Selecionar filmes dentro de uma temática pré-estabelecida, realizar um debate com convidados estudiosos destes temas e da área do cinema, permitir que um público formado por pessoas de diversas procedências possa realizar um debate, são ações que fazem fluir um processo de ensino e aprendizagem, de trocas de experiências e impressões que acrescentam - aos debatedores, ao público e aos organizadores do evento - reflexões para sua vida em diversos âmbitos.

Pensando no questão da Psicanálise em Extensão, é um dispositivo que produz certo efeito de transmissão, porém não substitui ou suplementa formas outras de transmissão. Situa-se no campo da Cultura e produz efeitos para além de nossos propósitos ou expectativas. Especialmente, considerando que estamos no âmbito de uma Universidade Pública, é um dispositivo que permite construir espaços de participação e trocas, diferentes dos espaços tradicionais. Além disso, sempre

privilegiamos o debate com convidados de outras áreas, como História, Artes (Literatura, Cinema,...), Sociologia e o público que participa tem diversas procedências e idades (aposentados, jovens, profissionais, estudantes). É um espaço que também afeta e transforma o olhar dos proponentes da atividade.